

Capítulo Um

GRADY

— **V**amos lá, Jett, tens de te vestir — resmungo enquanto tento convencer o meu filho, um menino de três anos e meio, a enfiar a maldita camisa.

Ele fica ali, de braços cruzados, a abanar a cabeça.

— Não quero ir à creche.

— Queres, sim, pois, o papá tem de trabalhar.

— Trabalho, não, papá! — Ele dá um passo para trás. — Bichos!

O regresso a Sugarloaf tem sido difícil para os dois. Para começar, estou a viver com a minha irmã, a Brynlee, na casa dela de três quartos, com o que ela considera um pequeno jardim zoológico nas traseiras. Onde o Jett quer estar sempre e para todo o sempre.

E cuido dos novos cavalos que o Rowan acabou de comprar enquanto tento pôr o meu negócio de instrutor de voo a funcionar.

Em terceiro lugar, estou a fazer tudo sozinho e, até agora, a sair-me bem. Ou seja, sou péssimo nesta cena de pai sozinho.

— Depois da creche, podes ir ver os bichos — proponho.

Nunca me apercebera de que lidar com crianças pequenas é como uma negociação de reféns. Ele consegue discutir, fazer birra, recusar-se a fazer o que lhe pedem e, depois, quando ouve o que quer, cede.

A Lisa lidaria com isto na perfeição.

A lembrança da minha mulher passa por mim como o vento, deixando-me o peito frio. É estranho, por vezes, quando sinto a falta dela, como agora, em que o nosso filho me desafia.

— Posso fazer festinhas?

— Sim, a tia deixa, mas só se te vestires e fores para a creche — respondendo, com um suspiro.

Ele balouça o corpo algumas vezes, como se lhe tivesse pedido que resolvesse um problema de trigonometria, e arrasta-se na minha direção. Contenho o sorriso e enfio-lhe a camisa pela cabeça. Assim que está vestido, salta, e põe os braços em redor do meu pescoço. Apanho-o com uma gargalhada e abraço-o com força. Há dias em que não sei como consigo fazer isto, aqueles em que ele nunca está satisfeito, se atira para o chão, recusando-se a tomar banho, ou está doente. Depois, estes momentos lembram-me porque vale tudo isto a pena.

Porque abdicar da vida pela qual trabalhei tanto, da família que encontrei na Marinha, da sensação de ser, de certa forma, um herói não importava porque o Jett precisava mais de mim.

Ele precisava que eu fosse o homem capaz de deixar tudo para trás e dar-lhe um lar.

— Adoro-te, Jett — digo, e beijo-lhe a cabeça.

— Adoro-te, papá!

E depois sai a correr do quarto, sem dúvida a tentar fugir para o celeiro, onde a Brynlee dá de comer ao seu jardim zoológico.

Levanto-me, gemendo ao ouvir os joelhos a ranger, e vou atrás dele. Encontro-o nos braços da minha irmã, a apertar-lhe as faces.

— Olá, Grady — murmura ela com a boca esmagada.

— Bom dia, Brynn.

Ela tenta sorrir, mas não consegue.

— Jett, estás a esmagar-me a cara.

Ele ri-se.

— A titi tem a voz esquisita.

— Ela também tem um ar esquisito — brinco, sem impedir que venha à tona o instinto de irmão mais velho para a irritar.

A Brynn arregala os olhos e enche as faces de ar, obrigando o miúdo a largá-la, o que o faz rir-se ainda mais.

Aquele riso, tão parecido com o da mãe dele. A Lisa ria-se com todo o coração. Era pateta e sonoro, mas lindo e livre. Quem me dera poder ouvi-lo de novo, nem que fosse só uma vez, para o memorizar de verdade.

— Tu é que tens um ar esquisito, e cheiras mal — provoca a Brynn, tentando insultar-me. Reviro os olhos e tiro-lhe o Jett dos braços.

— Boa réplica.

— Acho que não sou tão rápida com os insultos — diz, encolhendo os ombros.

— Parece que não.

Ponho o Jett no chão.

— Vai buscar os sapatos e a lancheira.

Ele sai a correr, e a Brynn entrega-me o meu termo de café.

— Toma. Vais a casa do Rowan esta manhã?

— Sim, deixo a pestinha na creche, e sigo para lá, trabalhar com os dois cavalos novos e, depois, irei voar. Um dia tranquilo — respondo, anuindo.

— Desculpa não poder levar hoje o Jett; parece-me uma parvoíce, teres de conduzir até lá e voltares para aqui, mas tenho uma audiência, e também não vou poder sair mais cedo, se precisares de mim.

— Vou ver se o Asher tem disponibilidade caso seja preciso. Tenho um voo por volta das duas, mas devo regressar a tempo de o ir buscar — digo, novamente a anuir.

Todos os meus irmãos vivem na mesma propriedade. Os meus bisavós compraram mais de oitenta hectares e cultivaram a terra durante muito tempo. O Asher, o meu irmão mais velho, herdou tudo quando a nossa mãe faleceu, e dividiu a propriedade em partes iguais. O problema é que a minha parcela só tem árvores. Aceitei porque tanto a Brynn como o Rowan queriam viver aqui, e isso deu-lhes também opções de habitação. Tivemos um atraso com os alvarás, algo relacionado com problemas de escoamento. Por conseguinte, aquilo que seriam cerca de seis meses a morar com a Brynn, parece que vai demorar mais tempo.

— Parece-me bem — diz a Brynn enquanto bebe um gole de café.

— Há notícias do empreiteiro?

— Eles *acham* que vão ter os alvarás no próximo mês. Depois, preciso que o empreiteiro comece a trabalhar, mas até recebermos a licença estamos todos de mãos atadas.

— Podes ficar aqui o tempo que quiseres. Não há pressa para saírem.

Mudava-me para uma casa arrendada, mas, até agora, a minha nova empresa só conseguiu um cliente e não tenho dinheiro. Estou a tentar pôr o meu negócio no ar — trocadilho intencional —, mas apresenta-se difícil.

Entretanto, também faço entregas para as empresas incrivelmente ricas ou grandes quando precisam de pequenos serviços num prazo curto. Um figurão de Nova Iorque está a mandar-me tratar de papelada que tem de ser assinada e autenticada. Isso permite-lhes receber os documentos em minutos, em vez de horas. Acho uma loucura, mas eles pagam bem e preciso muito desse dinheiro, já que o meu irmão não me paga nada — não é que eu aceitasse, seja como for.

Sorrio à minha irmã e ao seu grande coração.

— Sim. Agradeço isso.

— Mas estou a dar contigo em doido...

— Não és tu, Brynn, é que quero estabilizar a vida do Jett. Preciso de ser pai a tempo inteiro, e isso significa ter casa própria.

A razão pela qual desisti do sonho da minha vida, de ser piloto, deveu-se a ele. Para dar ao meu filho a vida que a mãe dele queria que tivesse — poder correr e brincar, estar perto de cavalos; um ambiente familiar como o que eu tive em pequeno. Faria qualquer coisa pelo meu filho e para honrar a memória da minha falecida mulher.

— Bem, adoro tê-los aqui, aos dois, e, agora, és tu a criar o Jett, Grady. Todos precisamos de um pouco de ajuda da família.

Na verdade, tem sido ótimo ter a Brynn por perto também. Ela é fantástica com o Jett, e ele adora-a.

A minha mulher morreu quando o Jett tinha quatro semanas. Foi a pior coisa que me aconteceu e fiquei perdido. Faltavam-me pouco menos de quatro anos para terminar o serviço militar, que cumpri, mas fui pai a tempo parcial.

Pouco depois do nascimento dele, a Marinha ia destacar-me para o estrangeiro, durante seis meses; eu e a Lisa sabíamos que ia acontecer, estávamos preparados. Não estava preparado era para a perder, e levar o Jett a viver no Oklahoma, com os avós maternos. Não era o ideal, mas sim a realidade da nossa situação.

Quando voltei, ele estava feliz lá. Divertia-se com os avós, a brincar na quinta onde a mãe dele crescera, e concordámos que, enquanto eu terminava o serviço militar, eles ficariam com o neto e eu far-lhe-ia visitas regulares. Agora tenho-o comigo e quero recuperar o tempo perdido.

Sorriso à minha irmã e anuo.

— Não é que algum de nós vá ficar longe dos outros assim que me mudar.

— É verdade. Não te esqueças de que amanhã temos jantar em família para celebrar a grande notícia do Rowan.

— Aquele jantar em que fingimos não saber que ele acabou de comprar mais oitenta hectares?

— Esse mesmo — responde ela, sorrindo.

— Por que raio pagou tanto por aquilo?

— Porque estive numa guerra de licitações com a Charlotte Sullivan.

— Então, ele pagou mais do que devia só para ganhar? — pergunto, revirando os olhos. A Brynn ri-se baixinho.

— Disseste a palavra mágica: ganhar. É tudo o que importa quando se trata dela e daquela família.

O meu irmão é um idiota.

— Ouve, estava a pensar em ti.

— Isso nunca é bom.

— Cala-te. Enfim, estava a pensar que devias sair mais e conhecer gente — diz ela enquanto enfia alguns papéis na mala.

Fico a olhar para a minha irmã como se lhe tivessem crescido chifres.

— Conhecer quem?

— Gente! Precisas de fazer amigos ou de namorar.

— Tenho amigos.

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Não tens nada. Tens irmãos. Nós não somos amigos. Falo a sério, já passaram quase quatro anos e... Não sei, devias voltar a sair por aí.

Não é a primeira vez que ouço isto. No entanto, não tenho vontade nenhuma. Amava a minha mulher. Fiquei sem ela e prefiro proteger-me de voltar a sentir aquele grau de sofrimento. Além de que estou concentrado no Jett e em abrir uma empresa. Não é o momento certo para lidar com isto, e a minha irmã, apesar de ter boas intenções, não percebe isso.

— Não é assim tão fácil encontrar com quem sair quando não se conhece ninguém. Além disso, estou a gostar de conhecer a cidade. Não tenho tempo para saídas e... lidar com essa treta.

— Então queres voltar a namorar?

— Não. Não quero.

Ela continua como se eu não tivesse respondido.

— Tenho uma amiga, ficariam perfeitos juntos.

— Não vou namorar com a tua amiga do ginásio. — Juro por Deus.

— Porquê? Disseste que não tens tempo para conhecer pessoas, eu conheço algumas. Aí está.

— Não preciso que me arranjes encontros — digo, suspirando fundo.

— Precisas que alguém dê o primeiro passo.

— Não.

— Ouve, sai com a Margaret. Ela é simpática, bonita, tem um bom emprego e gosta de crianças. Já fiz a reserva e está tudo tratado.

— Cancela — respondo com os dentes cerrados. O Jett volta a entrar na sala.

— Papá, tenho sapatos!

Ainda não acabei esta conversa, mas não vou continuá-la à frente do Jett. Viro-me para o meu filho e abano a cabeça.

— Tens, camarada, mas calçaste dois sapatos diferentes e estão nos pés errados. — Pego-lhe ao colo, e ele ri-se enquanto desato a imitar um leão. — Vamos lá procurar os sapatos certos. Até logo, Brynn. E falo a sério, cancela isso porque eu não vou.

— Veremos! Tenham um bom dia, rapazes! Adoro-vos!

Assim que trato dele, pego nas duas mochilas e metemo-nos no carro, a caminho da creche, deixando a ideia idiota da minha irmã em casa. Durante a viagem, o Jett parece bem; vê algo no *iPad* durante os vinte minutos de trajeto. Encontrar uma creche não foi como imaginava que seria. Só temos uma na cidade com lista de espera, mas, felizmente, havia vaga numa sala e conseguimos passar à frente na fila, já que a Brynlee ajudou a dona a resolver um problema jurídico há alguns meses.

Quando chegamos, o Jett está a olhar pela janela com cara amuada.

Por favor, que hoje não seja como ontem.

— *Vamos lá, camarada* — digo enquanto lhe pego na mão e rumamos ao prédio.

Tem sido uma adaptação para todos nós. As primeiras semanas foram divertidas. Mostrei-lhe a cidade, passámos os dias a ir ao parque e a comer gelados, mas, agora, preciso de pôr a nossa vida a funcionar.

— Não quero ir à creche, papá. — Ele puxa-me pelo braço quando chegamos à entrada. Agacho-me.

— Eu sei que custa, tens saudades dos avós, e da nossa casa, mas esta creche é divertida. As educadoras são simpáticas e... — Estou a explicar isto a uma criança de três anos que não está interessada, mas não sei o que estou a fazer, e esta parece-me a melhor opção. Portanto, volto ao meu argumento inicial nas negociações. — A creche é divertida.

— Não é nada.

Não, talvez não seja. Eu detestava a creche, mas, infelizmente, ele tem de ir.

— Olá, Jett — diz uma voz suave atrás de mim.

Quando me viro para ver quem falou, fico sem fôlego. A mulher é deslumbrante. Tem cabelo loiro comprido, penteado sobre o ombro direito, os olhos azuis mais calorosos e bonitos que já vi, e está de mão dada com uma menina idêntica a ela.

— Deves ser o pai do Jett. Sou a Addison e esta é a Elodie. Frequentam a mesma sala.

Levanto-me e aclaro a garganta.

— Sou. — Estendo a mão. — Sou o Grady Whitlock.

— Oh! Ena! Nunca tinha juntado dois mais dois. Sou a Addison Davis. Mudei-me para cá há alguns anos, e ainda não tenho a certeza de quem é quem. Juro que aparecem pessoas e sinto-me idiota por não as conhecer... e... estou a dispersar-me — diz ela com uma risada. — Deixa-me tentar outra vez. Conheço o teu irmão Asher da Foge para Mim.

— Foge para Mim? — Não faço ideia do que seja.

— Sim, é um refúgio na cidade para raparigas fugidas de casa. Sou uma das fundadoras. A minha amiga Blakely é a outra gerente, no Oregon.

— Isso é ótimo. Bem-vinda a Sugarloaf. Mas acho que devia ouvir o mesmo, já que nunca vivi propriamente cá.

— Não? Não sabia disso.

— A minha mãe mudou-se para cá quando a Brynn era pequena, mas eu estava na faculdade e... desde então, dediquei-me à carreira militar — esclareço, abanando a cabeça.

— Agradeço-te por servires a nação nas Forças Armadas.

Torno a abanar a cabeça.

— Não é preciso agradecer.

Sinto-me pouco à vontade quando as pessoas dizem isso. Fiz o que fiz porque quis. Adorava o meu trabalho, voar, tudo o que envolvia, e considero que não fiz nada de extraordinário. Claro, não é coisa que toda a gente faça, mas não requer agradecimentos.

— Agradeço-te na mesma.

A Elodie começa a resmungar.

— Quero pintar, mamã!

Ao mesmo tempo, o Jett insiste.

— Não quero a creche!

— Isto acaba por ficar mais fácil? — pergunto à Addison.

— Nem um pouco, mas ao princípio a Elodie detestava a creche. Estava sempre comigo ou com a família. Por isso, quando tive de a trazer para cá, foi um choque. Ele vai adaptar-se. Aqui são fantásticas.

Anuo, na esperança de que seja verdade.

— Se tu o dizes...

Ela pega na Elodie ao colo.

— Mantém-te firme e não mostres pena.

— É um conselho sensato.

— Queres ajuda? — oferece a Addison. — Dizem que é preciso uma aldeia inteira.

Não querendo sentir-me um fracasso completo, incapaz até de levar o meu filho à creche, esboço um sorriso e abano a cabeça.

— Não, obrigado. Fui chefe de esquadrão, e se consegui fazer com que aqueles aspirantes me obedecessem, consigo lidar com isto.

O Jett puxa-me o braço com mais força. A Addison observa-o a tentar arrancar-mo da rótula, e franze os lábios, disfarçando um sorriso.

— Está bem. Boa sorte então. Tenho de a levar para dentro, pois preciso de render a equipa da noite.

— Claro.

— Foi um prazer conhecer-te. De certeza que nos encontramos por aí.

Só se eu não puder evitar. Não tenho tempo para amigos nem para mulheres bonitas. Se falar nisto sequer, a minha irmã vai ficar com ideias, e Deus sabe que ela não precisa de mais nenhuma.

— Foi um prazer conhecer-te também.

Ela entra no prédio enquanto o Jett me puxa mais o braço. Juro que ouvi qualquer coisa a estalar quando ele tentou dirigir-se para o carro.

— Isso não vai acontecer, rapazinho.

E nisto... ele tem uma birra para a qual eu não estava preparado. Atira-se para o chão, a gritar e a dar pontapés.

— Não vou à creche. Não vou à creche!

Repete vezes sem conta enquanto lhe pego ao colo e tento imobilizar-lhe as pernas, a fim de o impedir de me dar repetidamente pontapés. As pessoas ficam a olhar enquanto levo o meu filho inconsolável para a creche. Na receção, não me julgam, a mulher que lá está sorri.

— Vejo que o Jett não está muito animado hoje.

— Hã?! — Sai-me, sem conseguir ouvi-la bem por causa do choro que me enche os ouvidos.

— Não está contente? — grita ela de volta.

— Qual foi a sua primeira pista? — pergunto com um sorriso, para ela não pensar que sou um bruto qualquer.

Ela ri-se, acompanha-me pelo corredor e abre a porta da sala dele. A Addison passa discretamente por mim e lança-me um sorriso contido, cheio de compreensão.

A educadora aproxima-se e ponho o Jett no chão, mas seguro-lhe os braços com carinho.

— Jett, já chega.

Ele não concorda. Continua a chorar.

Já passei por algumas situações bastante intensas. Numa missão, estávamos a fazer manobras noturnas de rotina e perdi um motor. Era algo para o qual me treinara, mas, naquele momento, senti um sobresalto. Confiei no meu treino, mantive a calma e trouxe-nos de volta à normalidade, sem problemas. Ora, não há manual de treino para isto.

— Jett, camarada, tens de parar — tento de novo enquanto as lágrimas dele me partem o coração.

A educadora está ao meu lado, com a mão no meu ombro, tentando convencê-lo.

— Jett, daqui a pouco vamos brincar com os camiões, queres vir?
Ele vira a cabeça para o lado.

— Não queres camiões, é? Bem, a Menina Jamie está a colorir, queres colorir?

Ele não responde, mas, pelo menos, já parou de gritar. Agora, estamos todos a ser ignorados. A educadora contém o riso.

— Percebo que colorir não seja assim tão divertido. O teu pai é piloto de aviões, não é?

Isso faz com que ele cruze o olhar com ela. Respondo por ele.

— Sim. O Jett adora aviões.

Ela solta um suspiro de surpresa, claramente para fazer efeito, mas ele acredita um pouco mais nisso.

— Também adoro aviões! Sabes que temos aviões para brincar?

Ele vira-se um pouco mais para ela.

— Aviões?

— Sim, há um cesto cheio logo ali.

O olhar marejado do Jett fixa-se em mim e depois na zona onde está o cesto. Sinto afrouxar o aperto de morte na minha mão, os aviões vão fazê-lo ir-se embora, só tenho de esperar que se canse. A educadora estende a mão, ele solta a minha e agarra a dela.

Crise evitada. Fico ali sem saber bem o que fazer quando a outra educadora se aproxima.

— Vai ficando mais fácil.

— A sério?

— Já vi as crianças mais difíceis a correr agora para dentro do prédio. Ele vai conseguir.

Observo o meu filho, cuja vida foi virada do avesso, a empurrar o avião pelo tapete onde estão impressas estradas. Ele sempre foi uma criança feliz. Quando o visitava ou fazíamos uma videochamada, sorria e nunca se portava mal. Agora que está comigo, parece diferente.

— E agora? — pergunto, e ela inclina a cabeça na direção da porta.

— Agora, o pai sai em modo furtivo. Nós tratamos disto, Senhor Whitlock.

Ainda bem que alguém trata porque eu não sei.

Quando saio, a Addison está lá, a passar as mãos pelo cabelo enquanto anda de um lado para o outro.

— Compreendo isso, mas *tenho* de ir trabalhar. Não posso esperar até que ele fique sóbrio o suficiente.

Aproximo-me e chamo-a pelo nome.

— Addison? Está tudo bem?

Ela afasta o telemóvel do ouvido.

— Furou-se-me um pneu e não tenho sobressalente, e a empresa de reboque só consegue cá chegar sabe-se lá quando.

— O teu marido ou alguém pode vir buscar-te?

— Sou viúva e... sabes, não faz mal. Vou ligar a uma amiga e aguardar um pouco.

As palavras dela atingem-me em cheio. Ela também perdeu a cara-metade e está a criar a filha sozinha. Tal como eu.

Vai demorar meia hora até aparecer alguém. Estou aqui e não tenho grande pressa em chegar ao aeroporto.

— Ou posso levar-te — ofereço-me, e vejo-a arregalar os olhos.

— Não, não quero incomodar-te, nem fazer-te ir ao centro da cidade. Vou conseguir arranjar alguém.

— Não me importo. Seja como for, vou na tua direção. Por favor, deixa-me levar-te.

— Tens a certeza? — pergunta, hesitante.

— Absoluta.

Posso atrasar-me, já que o meu irmão não me paga.

— Salvaste-me a vida. Obrigada.